

ARTE EM TEMPOS SOMBRIOS

ANAIS DO 41.º COLÓQUIO DO COMITÊ
BRASILEIRO DE HISTÓRIA DA ARTE

CB
HA

ARTE EM TEMPOS SOMBRIOS

ANAIS DO 41.º COLÓQUIO DO COMITÊ
BRASILEIRO DE HISTÓRIA DA ARTE

Realização



Organização



UFRJ
UNIVERSIDADE FEDERAL
DO RIO DE JANEIRO

 **UFU** Universidade
Federal de
Uberlândia



UFPEL



UFRRJ UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL
DO RIO DE JANEIRO


CEFET/RJ

CBHA – Comitê Brasileiro de História da Arte – Fundado em 1972

Presidente de Honra (in memoriam) – Walter Zanini

Diretoria (2020-2022)

Presidente – Marco Antônio Pasqualini de Andrade (UFU)

Vice-presidente – Neiva Bohns (UFPEL)

Secretária – Rogéria de Ipanema (UFRJ)

Tesoureiro – Arthur Valle (UFRRJ)

Conselho Deliberativo do CBHA (2020 – 2022)

Almerinda da Silva Lopes (UFES)

Emerson Dionísio Gomes de Oliveira (UnB)

Luiz Alberto Freire

Maria de Fátima Morethy Couto (UNICAMP)

Marize Malta (UFRJ)

41º Colóquio do CBHA (2021): Arte em Tempos Sombrios

Comissão Organizadora

Marco Antonio Pasqualini de Andrade (UFU/CBHA) (presidente)

Arthur Valle (UFRRJ/CBHA)

Marize Malta (UFRJ/CBHA)

Neiva Bohns (UFPEL/CBHA)

Rogéria Moreira de Ipanema (UFRJ/CBHA)

Sandra Makowiecky (UDESC/CBHA)

Comitê Científico

Almerinda Lopes (UFES/ CBHA)

Arthur Valle (UFRRJ/CBHA) Bianca Knaak (UFRGS/ CBHA)

Blanca Brites (UFRGS/CBHA)

Camila Dazzi (CEFET-RJ/ CBHA)

Fernanda Pequeno (UERJ/ CBHA)

Fernanda Pitta (Pinacoteca-SP/ CBHA)

Marco Pasqualini de Andrade (UFU/CBHA)

Maria do Carmo de Freitas Veneroso (UFMG/CBHA)

Maria Izabel Branco Ribeiro (FAAP/ CBHA)

Marília Andrés Ribeiro (UFMG/CBHA)

Neiva Bohns (UFPEL/CBHA)

Niura A. Legramante Ribeiro (UFRGS/ CBHA)

Paulo César Ribeiro Gomes (UFRGS/ CBHA)

Raquel Quinet Pifano (UFJF/CBHA)

Rogéria Moreira de Ipanema (UFRJ/ CBHA)

Vera Pugliese (UnB/ CBHA)

Imagem da capa

Lydio Bandeira de Mello (1929 -), *Sem título*, 2019. Carvão crayon e pastel seco, 75 x 55 cm; Foto: Rafael Bteshe

Diagramação

Vasto Art

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

C72 - Colóquio do Comitê Brasileiro de História da Arte (41: 2021)

Anais do 41º Colóquio do Comitê Brasileiro de História da Arte: Arte em tempos sombrios

– Evento online - 23-27 nov. 2021. (Organizadores: Marco Pasqualini, Neiva Bohns, Rogéria de Ipanema, Arthur Valle). São Paulo: Comitê Brasileiro de História da Arte, 2022 [2021].

1371 p : 21X37 cm: ilustrado

ISSN: 2236-0719

<https://doi.org/10.54575/cbha.41>

1. História da Arte. I. Comitê Brasileiro de História da Arte. II. Anais do 41o. Colóquio do CBHA.

CBHA – Comitê Brasileiro de História da Arte

CDD: 709.81

Memórias de uma tragédia: reflexões sobre o monumento às vítimas do Novo Amapá

Tiago Vargas da Silva, Universidade Federal de Goiás
<https://orcid.org/0000-0002-9468-9560>
tiagovargas@gmail.com

Resumo

O presente artigo aborda os aspectos históricos, formais e simbólicos do monumento às vítimas do naufrágio do barco Novo Amapá. O espaço é composto por quatro grandes sepulturas coletivas e um pináculo ao lado direito da série sepulcral. Este conjunto pode ser considerado um dos monumentos funerários mais icônicos do Estado do Amapá e tem por objetivos preservar a memória das mais de 378 vidas interrompidas na fatídica noite do dia 06 de janeiro de 1981, na foz do rio Cajari, município amapaense de Laranjal do Jari, naquela que seria a maior tragédia da navegação amapaense. Propomos, com este trabalho, analisar a relação deste monumento funerário com o fato histórico que o originou e os seus usos ao longo do tempo.

Palavras-chave: Cemitério Municipal de Santana. Monumento funerário. Morte. Naufrágio do Novo Amapá.

Abstract

This article discusses the historical, formal, and symbolic aspects of the monument to the victims of the shipwreck of the boat Novo Amapá. The space consists of four large mass graves and a pinnacle on the right side of the sepulchral series. This set can be considered one of the most iconic funerary monuments of the State of Amapá and aims to preserve the memory of more than 378 lives interrupted on the fateful night of January 6, 1981, at the mouth of the Cajari River, a municipality of Laranjal do Jari, in what would be the greatest tragedy of amapaense navigation. We propose, with this work, to analyze the relationship of this funerary monument with the historical fact that originated it and your uses over time.

Keywords: Santana Municipal Cemetery. Funerary monument. Death. Shipwreck of the Novo Amapá.

O naufrágio do barco Novo Amapá

Dentre os cemitérios do Amapá, o Cemitério Municipal de Santana, no município localizado na região metropolitana de Macapá, capital do estado, possui um conjunto de sepulturas únicas, composto por quatro sepulturas coletivas que foram construídas para receber os corpos das vítimas do naufrágio do barco Novo Amapá, ocorrido no ano de 1981. Este acidente, até o momento, é considerado o maior desastre da navegação amapaense e um dos maiores naufrágios do Brasil¹. Ao lado destas sepulturas foi construído um pequeno monumento em formato de pináculo em concreto armado em homenagem às vítimas desta tragédia.

O presente artigo tem por objetivo abordar este acontecimento, a partir da análise histórica, formal e simbólica do conjunto funerário composto pelas sepulturas coletivas e pelo monumento, que juntos formam o memorial em homenagem às centenas de vítimas do naufrágio do barco Novo Amapá.

Na noite do dia 06 de janeiro de 1981, o barco Novo Amapá², naufragou na foz do Rio Cajari, no atual município de Laranjal do Jari³, com aproximadamente 696 pessoas a bordo, quando fazia a rota entre Santana, no até então Território Federal do Amapá⁴, ao distrito de Monte Dourado, pertencente ao município paraense de Almeirim. A tragédia levou a óbito aproximadamente 378 pessoas, das quais 336 foram sepultadas no Cemitério Municipal de Santana. Até o momento não existem informações exatas da quantidade de passageiros que embarcaram no barco Novo Amapá, no momento da sua partida do Porto de Santana, nem mesmo a quantidade exata de vítimas fatais, pois segundo contam as fontes a embarcação estava com super lotação, tanto de passageiros, como de carga.

A notícia chegou à Macapá no fim da tarde de 7 de janeiro de 1981. O barco “Novo Amapá” que deixara Porto de Santana às 14h do dia anterior naufragara nas imediações da foz do rio Cajari, após 6 horas de viagem. As primeiras informações, trazidas por dois sobreviventes, davam como certa a morte 23 das 146 pessoas que o despachante Osvaldo Nazaré Colares informara à Capitania dos portos do Amapá terem embarcado. Já no dia seguinte (quarta-feira), porém, a verdadeira extensão da tragédia delineou-se aos olhos da população de Macapá. Das seiscentas e tantas pessoas que, na verdade,

¹ O naufrágio do transatlântico espanhol Príncipe de Astúrias, ocorrido em 05 de março de 1916, no litoral do estado de São Paulo é considerado o maior acidente do gênero no Brasil. De acordo com Queiroz (2017) o número de vítimas é de aproximadamente 500 pessoas.

² Segundo Capiberibe (1982), o barco Novo Amapá possuía capacidade para 400 passageiros; comprimento externo de 25,10 metros; comprimento entre perpendiculares de 22,50 metros; boca máxima de 5,88 metros; comprimento de arqueação de 21,68 metros; tonelagem bruta de 100.445 toneladas e 66.68 de tonelagem líquida.

³ Em 1981, o município de Laranjal do Jari, pertencia ao município de Mazagão, o desmembramento ocorreu em 17 de dezembro de 1987.

⁴ Até 1943 o Amapá pertenceu ao estado do Pará, quando passou a constituir-se em Território Federal do Amapá, até 1988, quando oficialmente foi criado o atual Estado do Amapá (Santos, 2001).

viajavam no barco sinistrado apenas a metade, ou menos, sobrevivera ao acidente (CAPIBERIBE, 1982, p. 13).

Dentre as poucas fontes existentes sobre este fato, tomamos como base os dados fornecidos pelo livro *Morte nas águas: a tragédia do Cajari*, escrito por Alberto Capiberibe, em 1982; pelas informações da administração do Cemitério Municipal de Santana⁵, e pelo próprio monumento, com as suas inscrições oficiais, como: as placas com os nomes das vítimas homenageadas, e também, as inscrições não oficiais realizadas por familiares ao longo do tempo, em pequenas cruces de ferro, alumínio e madeira; pequenas lápides fixadas aleatoriamente na base das sepulturas que integram o conjunto do memorial.

Morte nas águas: tragédia do Cajari, além de apresentar uma narrativa do fato, a partir de um conjunto de entrevistas com sobreviventes da tragédia e familiares de vítimas, traz também uma série de fotografias de diversos ângulos do cenário do acidente, do resgate dos corpos e dos seus respectivos sepultamentos nas sepulturas coletivas do Cemitério Municipal de Santana. Entretanto, esta fonte, como pontua Pacheco (2013), traz à baila uma importante contribuição para o estudo e conhecimento deste fato, mas deve ser ressaltado o momento histórico em que foi escrita, considerando a conjuntura política do Território Federal do Amapá, governado na época por Aníbal Barcelos, oposição política de Alberto Capiberibe. O que é possível perceber uma tentativa do autor, de reforçar a tese de negligência, por parte do governo de Aníbal Barcelos ao gerir a crise provocada pelo acidente, sobretudo, no socorro às vítimas, resgates e traslado dos corpos para Santana.

Até hoje o número exato de passageiros embarcados no Porto de Santana e a quantidade de carga a bordo do barco Novo Amapá é desconhecida, mas a própria extensão da tragédia, evidenciou que o processamento daquele rotineiro embarque foi permeado por negligências das autoridades responsáveis. “Segundo o Agente da Capitania dos Portos do Amapá, Capitão Francisco Gomes Espinosa “a falta de lastro no porão da embarcação e o excesso de passageiros foram as causas principais do acidente” (CAPIBERIBE, 1982, p. 13). Essas irregularidades, por se só, já configuram gravíssimas infrações às regras de segurança da navegação, sendo facilmente identificadas pelas autoridades portuárias, entretanto, naquela tarde, o Novo Amapá, zarpou rumo à Monte Dourado sem qualquer notificação por parte das autoridades portuárias.

Segundo os relatos dos sobreviventes as gravíssimas irregularidades se seguiram durante o percurso da viagem, contribuindo para que o barco naufragasse, entre elas “a inexperiência de quem estava no leme no momento do

⁵ Agradeço a administração do Cemitério Municipal de Santana, na pessoa do seu administrador o Sr. Roniere Coelho Andrade, que desde o meu primeiro contato com o cemitério se mostrou bastante solícito em localizar e disponibilizar todos os dados técnicos e históricos disponíveis sobre as sepulturas e o monumento às vítimas do naufrágio do barco Novo Amapá.

naufrágio que, asseguram eles, não eram o comandante da embarcação, Manoel Alvanir da Conceição Pinto” (CAPIBERIBE, 1982, p. 13).

Essa série de fatores contribuíram para a tragédia do Novo Amapá, como pontua Capiberibe (1982). Situações como essa, eram rotina nos portos da Amazônia, a falta de fiscalização, somada a precariedade dos transportes, sujeitavam a população a arriscarem suas vidas em embarcações superlotadas sem quaisquer garantias de segurança, sobretudo, em períodos de grande demanda por transporte, como em épocas de férias ou feriados, tal qual ocorreu no dia 06 de janeiro de 1981, a maioria dos passageiros do Novo Amapá, eram trabalhadores da Jari Florestal⁶ que voltam para Monte Dourado e Laranjal do Jari, onde residiam em decorrência do trabalho, depois das festividades de final de ano com familiares em Macapá e Santana.

Diversos acidentes foram registrados na história da navegação amazônica, como pode ser observado na tabela abaixo, com o registro dos cinco maiores naufrágios em número de vítimas fatais da região.

	EMBARCAÇÃO	DATA	ESTADO	RIO	VÍTIMAS FATAIS
	Novo Amapá	06/01/1981	Amapá	Cajari	Por volta de 378
	Sobral Santos II	18/09/1981	Pará	Amazonas	Por volta de 340
	Ana Maria VIII	10/02/1999	Amazonas	Madeira	61
	Freire II	01/09/1975	Amazonas	Solimões	58
	Anne Karoline	29/02/2020	Amapá	Amazonas	42

Fonte: Portal Amazônia, 2021⁷.

A violência da tragédia do Novo Amapá, ocasionada pela quantidade de vítimas, foi potencializada no sentimento coletivo em decorrência das dificuldades de resgate dos corpos em tempo hábil para o seu devido funeral. A ausência de recursos materiais para o resgate ágil, mas sobretudo, pela falta de gestão da crise, por parte das autoridades, não permitiu a identificação da maioria dos corpos, impossibilitando velórios individuais. Tal situação obrigou a realização de enterros em quatro grandes sepulturas coletivas, três para os adultos e uma para as crianças, gerando um sentimento de comoção e indignação nas populações de Macapá e Santana.

Perplexa e comovida com a tragédia a população de Macapá viveu, mesmo muitos dias após o enterro de seus mortos, momentos de intensa revolta pelo descaso com que as autoridades do Território

⁶ Foi um projeto de investimento do milionário americano Daniel Keith Ludwig no setor de celulose, situado na região onde se localiza os atuais municípios de Laranjal do Jari, Vitoria do Jari no Amapá e no município de Almeirim, estado do Pará, na década de 1970, Ludwig construiu um fábrica de celulose, no próximo ao distrito de Monte Dourado (LINS, 2001).

⁷ Fonte: <<https://portalamazonia.com/amazonia/titanics-da-amazonia-relembre-os-10-maiores-naufragios-da-regiao>>. Acesso em: dia 01 de dez. de 2021.

trataram o caso. A principal reclamação foi contra a morosidade na prestação de socorro às vítimas que, entre outras coisas, impossibilitou que às famílias atingidas prestassem às últimas homenagens aos parentes desaparecidos. Como os corpos estavam putrefatos a Secretaria de Saúde do Território determinou o enterro em valas comuns e não permitiu que as urnas funerárias fossem abertas para o reconhecimento dos mortos pelos familiares, o que revoltou, ainda mais, o povo (CAPIBERIBE, 1982, p. 22).

Com o tempo o sentimento de luto dos familiares, deu lugar ao sentimento de revolta, com o inquérito que nunca foi concluído, com a punição dos responsáveis que se quer foram nominados. Nenhum familiar, até o momento, não recebeu qualquer indenização, a única ação imediata de reparação, naquele momento, foi a promessa do Governador Aníbal Barcelos de construir um monumento memorial em homenagem às vítimas. “Como consolo final restou a promessa do governador do Território de que mandaria construir um monumento, no cemitério de Santana, que perpetuassem ‘a memória das vítimas [...]’” (CAPIBERIBE, 1982, p.24). Barcelos não cumpriu sua promessa, somente em, 2002, 21 anos após a tragédia que o monumento foi construído no Cemitério Municipal de Santana, ao lado das sepulturas coletivas.



Figura 01. Edgar Rodrigues, Sepultamento das vítimas do Novo Amapá, 1981. Fotografia. Fonte: <https://g1.globo.com/ap/amapa/noticia/2021/01/06/maior-naufragio-do-amapa-completa-40-anos-foi-u-m-sufoco-lembra-sobrevivente.ghtml>

Mas, para além destas demandas, ainda não atendidas pela justiça, o sentimento mais forte é o de não poder ter tido as condições de velar e sepultar os seus mortos de acordo com a tradição cultural e religiosa dos seus familiares. Essa revolta segue viva na memória e nos discursos dos familiares que todos os anos, em Dia de Finados, visitam as sepulturas dos seus entes queridos no Cemitério Municipal de Santana.

O monumento

Como forma de homenagear a memória das vítimas e dar uma resposta aos familiares, revoltados, sobretudo, no que diz respeito a demora do resgate, que impossibilitou a identificação dos corpos, a realização de velórios e o sepultamento em sepulturas individuais, foi prometido em 1981, pelo governador Barcelos que seria construído um grande memorial em homenagem às vítimas. No entanto, o grande memorial, resumiu-se a delimitações em alvenaria das quatro grandes sepulturas coletivas, como pode ser observado na figura 03 abaixo.

Em decorrência da dimensão da área do conjunto, que é de aproximadamente 850 metros quadrados, foi realizado um desenho (figura 02 abaixo) com a representação, para melhor compreensão formal do espaço onde localizam-se as sepulturas e o monumento. Observando a imagem, da direita para esquerda, encontra-se a primeira sepultura coletiva, ou quadra 01, como é identificada pela administração do cemitério. É a maior de todas, possuindo 52 metros de comprimento por 4 metros de largura; a segunda sepultura, a quadra 02, foi destinada as crianças, tem comprimento de 11 metros por 4 metros de largura. Essas duas sepulturas foram as primeiras a serem abertas.

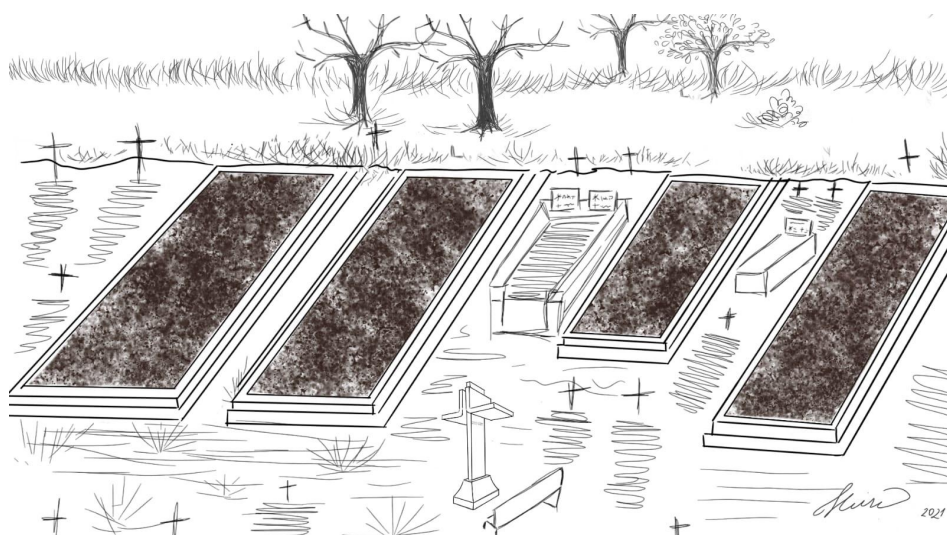


Figura 02. Heise Gabriele Castro de Andrade, Sepulturas e monumento às vítimas do naufrágio do barco novo Amapá, 2021. Desenho. Acervo de Tiago Vargas da Silva

No decorrer dos dias seguintes foi necessário abrir mais duas sepulturas, as quadras 3 e 4, ambas com 37 metros de comprimento por 4 de largura, para acomodar os corpos restantes, não sendo possível, a essa altura separar crianças de adultos. As características formais e espaciais que constituíram este espaço, denuncia o desconhecimento das autoridades da real dimensão daquela tragédia.

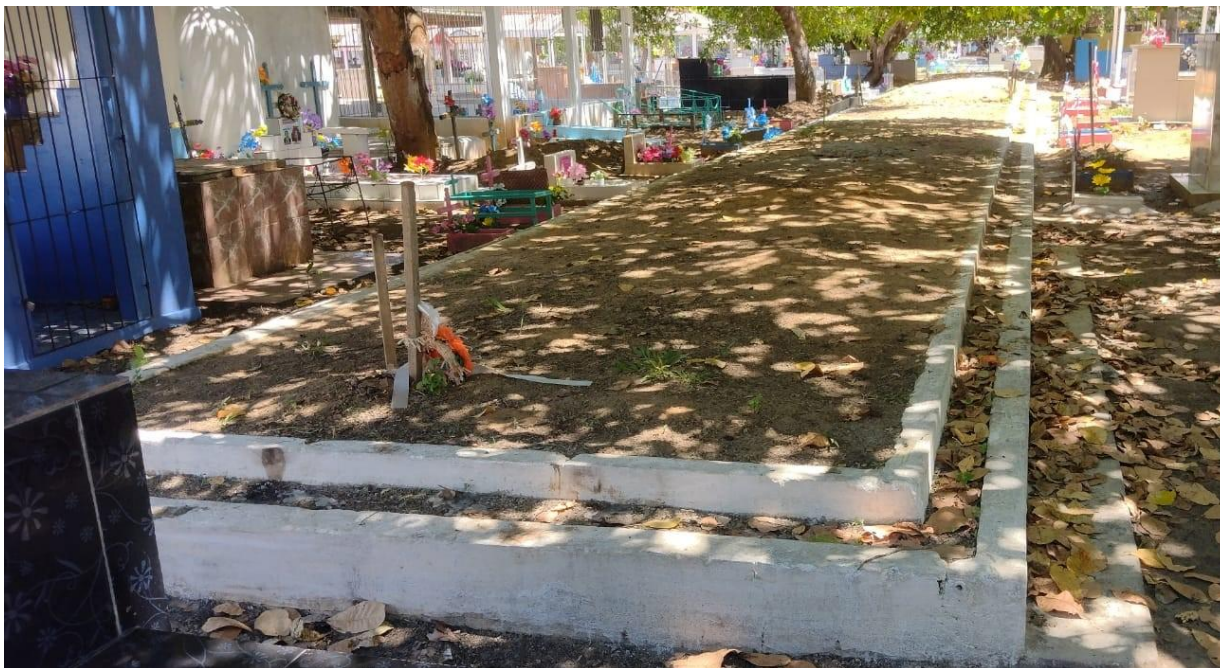


Figura 03. Tiago Vargas da Silva, Sepultura das vítimas do naufrágio do barco Novo Amapá (Quadra 01), 2021. Fotografia colorida, Acervo de Tiago Vargas da Silva

Somente ano de 2002 é que foi aprovada a Lei nº570/2002 na Câmara Municipal de Santana e sancionada pelo prefeito Rosemiro Rocha Freitas, que autoriza a criação do projeto para a construção do atual monumento em homenagem às vítimas do Novo Amapá. Como pontua Pacheco (2016), no mesmo ano o monumento foi construído. O projeto de Lei 570/2002, estabelece as seguintes condições para edificação do monumento.

Art. 1º. Fica criado o MONUMENTO EM HOMENAGEM *post mortem* às vítimas do naufrágio da embarcação denominada “B/M Novo Amapá” que encontram-se sepultadas no cemitério Sant’Ana, neste Município de Santana. Art. 2º. Referido Monumento deverá registrar o nome completo e respectivas datas de nascimento, e seu projeto arquitetônico incluirá local destinado à orações dos familiares e colocação de adornos e similares que se verificam as épocas próprias, especialmente a data em que se presta homenagem aos mortos. (SANTANA. Lei nº 570/2002 de 10 de janeiro de 2002).

O monumento (figura 4) é constituído por um pilar retangular, construído em concreto armado, medindo 2 metros e 95 centímetros de altura sobre uma base de 4 metros quadrados. No topo foi colocado uma armação, também em concreto armado, que representa uma Bíblia aberta. A estrutura está situada ao lado da série de sepulturas em cuja base foram anexadas duas placas⁸ em aço, nas quais foram registrados os nomes das 336 vítimas do Novo Amapá sepultadas no Cemitério Municipal de Santana. De acordo com Capiberibe (1982), alguns corpos resgatados no local do acidente seguiram para o estado do Pará e foram sepultados em suas cidades de origem.



Figura 04. Tiago Vargas da Silva, Monumento às vítimas do naufrágio do barco Novo Amapá, 2021. Fotografia colorida, Acervo de Tiago Vargas da Silva

Este monumento foi concebido e financiado pela Prefeitura Municipal de Santana, como atesta o Projeto de lei 570/2002. Entretanto, nenhuma

⁸ Atualmente as placas não são mais encontradas em seu local de origem, segundo a administração do cemitério, uma foi roubada e por precaução a outra foi retirada e guardada nas dependências da administração.

documentação, além do referido projeto, foi localizada com informações sobre os significados da estrutura do monumento. Por outro lado, em diversas visitas ao local, em Dia de Finados, ao indagar familiares de vítimas e servidores do cemitério sobre o significado do monumento, percebe-se que é consenso o identificarem como a representação de uma Bíblia aberta sobre um pilar, mas há também quem o conceba como uma seta apontando para o Céu. Ao observar o desenho dos detalhes da estrutura do monumento (figura 5) é possível perceber que as duas concepções simbólicas, Bíblia aberta e seta apontada para o Céu, são possíveis.

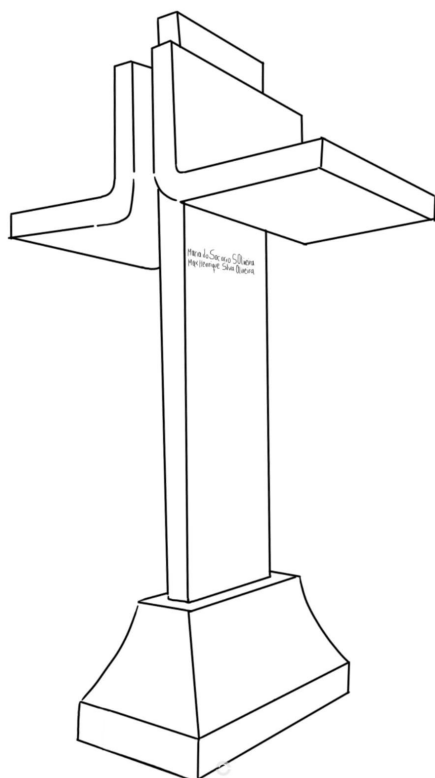


Figura 05. Heise Gabriele Castro de Andrade, Monumento às vítimas do naufrágio do barco Novo Amapá, 2021. Desenho. Acervo de Tiago Vargas da Silva

Sobre essa questão, como já mencionado, não foi localizado nenhuma documentação que pudesse esclarecer essa dúvida. A única informação disponível, repassada pela administração do cemitério, refere-se ao nome do seu construtor, o Sr. Jaci Rodrigues da Silva, pedreiro, servidor público da Prefeitura Municipal de Santana, que poderia prestar tal esclarecimento, todavia, o referido servidor já faleceu.

Independentemente de ser uma Bíblia aberta ou uma seta apontando para o céu, este espaço praticamente não é visitado pelos familiares das vítimas e ao ser questionado, percebe-se que o monumento não foi apropriado pelas famílias como sendo um lugar de memória, isso ocorre por diversos motivos, como por exemplo, a demora em construir o monumento.

O acidente ocorre em 1981 e somente 21 anos depois, em 2002, é que foi de fato construído. Nesse período as pessoas criaram um sentimento com o espaço

das sepulturas, como um lugar de memória, pois é o local onde efetivamente estão os seus familiares, mas também foi neste espaço que foram acendidas as primeiras velas, colocado as primeiras flores, realizada as primeiras orações *in memoriam*.

Conforme pontua Pierre Nora (1993), um lugar de memória é constituído a partir de três sentidos: o funcional, o simbólico e o material.

São lugares, com efeito nós três sentidos da palavra, material, simbólico e funcional, simultaneamente, somente material, somente em graus diversos. Muitos lugares de aparência puramente material [...] só é lugar de memória se a imaginação o investe de uma áurea simbólica [...] só entra na categoria se for objeto de um ritual [...]. Os três aspectos coexistem sempre. É material por seu conteúdo demográfico; funcional por hipótese, pois garante, ao mesmo tempo, a cristalização da lembrança e a sua transmissão; mas simbólica por definição visto que caracteriza por um acontecimento ou uma experiência vivida por um pequeno número uma maioria que deles não participou. (NORA, 1993, p. 21-22).



Figura 06. Tiago Vargas da Silva, Sepultura das vítimas do naufrágio do barco Novo Amapá (Quadra 03), 2021. Fotografia colorida, Acervo de Tiago Vargas da Silva

Os sentidos pontuados por Nora (1993), não são percebidos pelos familiares das vítimas do Naufrágio do Novo Amapá no monumento construído em 2002. Entretanto, esses sentidos estão presentes de maneira intensa nos espaços das sepulturas coletivas, pois são nestes lugares que as homenagens e os rituais em

memória das vítimas acontecem. Porém, existe uma especificidade na maneira como ocorreram os sepultamentos das vítimas do naufrágio; como já mencionado, em decorrência do avançado estado de decomposição dos corpos, não foi possível realizar a identificação, isso implicou na impossibilidade de demarcar, por parte dos familiares, o local exato onde os corpos dos seus entes queridos foram sepultados.

Atualmente, é possível encontrar pequenas réplicas de túmulos em madeira e alvenaria construídos aleatoriamente sobre o espaço das quatro sepulturas coletivas com intenção de demarcar um espaço individual de memória no interior de um espaço de memórias coletivas, como pode ser observado na figura 6 abaixo. Mesmo com a impossibilidade de saber com exatidão onde está realmente o corpo de seu ente querido, as pessoas sentem a necessidade eleger e individualizar estes espaços.

Dentre os diversos relatos de familiares, a respeito da necessidade de construir um pequeno túmulo ou colocar uma cruz com o nome da vítima, há quem diz sentir que é em determinado local que seu familiar está sepultado. Há também quem diz que, em sonho foi mostrado pelo seu ente falecido a quadra e a exata posição de onde está o seu corpo. Outros, simplesmente definem como um espaço de maneira aleatória. Ainda, há também aqueles que a cada ano elegem um local diferente para homenagear a memória do seu familiar, fazendo do espaço das sepulturas um monumento vivo e interativo.

Considerações finais

O conjunto funerário composto pelas quatro sepulturas coletivas, junto ao monumento em homenagem às vítimas do Naufrágio do Novo Amapá, constitui, como pontuou Nora (1993), um lugar de memórias que integram o patrimônio funerário da sociedade amapaense. Este espaço com as suas formas, com o seu simbolismo constitui também um importante documento, ou como diz o historiador Le Goff (2003), um *documento monumento*, que no caso em tela, conta a história do triste desfecho de um dos maiores acidentes da navegação brasileira, que vitimou centenas de vidas amapaenses e que até o presente momento os agentes não foram identificados e responsabilizados.

Referências

CAPIBERIBE, Alberto. *Morte nas águas: a tragédia do Cajari*. 2 Ed. Recife: Editora independente, 1982.

LE GOFF, Jacques. *História e memória*. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2003.

LINS, Cristóvão. *Jari: 70 anos de história*. 3ª ed. Rio de Janeiro: Dataforma, 2001.

NORA, Pierre. *Entre memória e história: a problemática dos lugares*. Tradução: Yara Aun Khoury. Projeto História: Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em História do Departamento de História, São Paulo, v.10, p. 7-28, dez. 1993.

PACHECO, Danilo Mateus da Silva. *O naufrágio do barco "Novo Amapá" nas reminiscências pessoais*. In: IX Semana de História o ensino e pesquisa histórica no Amapá: perspectivas e desafios, Macapá, 2013.

_____. *Narrar o trauma: memórias do naufrágio do barco Novo Amapá*. 61f. Monografia (especialização) – Programa de Pós-Graduação em História e História da Amazônia. Universidade Federal do Amapá, Macapá, 2016.

QUEIROZ, Tito Henrique Silva. *A guerra dos corsários – ações navais na costa brasileira durante a Primeira Guerra Mundial (1914-18)*. Navigator, Rio de Janeiro, v. 13, n. 25, p. 36-49, 2017.

SANTANA. Prefeitura Municipal. Lei n° 570/2002, de 10 de janeiro de 2002. Cria monumento em homenagem aos mortos em naufrágio de dá outras providências. Diário Oficial do Município, Santana, ano 2002, n. 98.

SANTOS, Fernando Rodrigues. *História do Amapá*. 6ª ed. Valcon. Macapá, 2001.

Como citar:

VARGES DA SILVA, Tiago. Memórias de uma tragédia: reflexões sobre o monumento às vítimas do Novo Amapá. *Anais do 41º Colóquio do Comitê Brasileiro de História da Arte: Arte em Tempos Sombrios*, Evento virtual, CBHA, n. 41, p. 431-442., 2022 (2021). ISSN: 2236-0719.
DOI: <https://doi.org/10.54575/cbha.41.036>
Disponível em: <http://www.cbha.art.br/publicacoes.htm>